

**Discurso proferido pela Professora Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão,
Co-Orientadora estrangeira do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior
(PDSE), na defesa da tese de doutoramento de Handel Cecílio Pinto da Silva.
28 de Fevereiro de 2014**

As minhas primeiras palavras são de saudação muito cordial à Sra. Professora Doutora Helena Jank e a todos os restantes membros da Banca, assim como ao candidato e a todos os presentes, e para agradecer o convite, que tanto me honra a mim e à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para participar nestas provas de doutorado. As inovações tecnológicas permitem-me efectivamente estar presente, embora distante, e é com grande prazer que faço assim parte, como convidada especial, da Banca de Doutorado de Handel Cecílio Pinto da Silva.

Quando, no início do ano lectivo de 2011/2012, um estudante brasileiro a elaborar uma tese de doutoramento sobre a arte organística no seu país veio falar comigo, interessado em frequentar as minhas aulas de Paleografia e Diplomática, não podia imaginar que esse seria o início de uma co-orientação de trabalho, tanto durante a estadia de Handel Cecílio em Portugal como depois do seu regresso ao Brasil. Mas assim aconteceu, e esta foi uma experiência muitíssimo enriquecedora e levada a cabo com grande gosto, que mostrou como mesmo à distância se podem acompanhar com sucesso as pesquisas de um orientando e fez arreigar ainda mais em mim a convicção da importância da interdisciplinaridade e do trabalho de colaboração entre investigadores de diferentes áreas e nacionalidades

Esta minha breve intervenção não pretende analisar pormenorizadamente a dissertação que Handel Cecílio elaborou. Isso será feito pelos colegas membros da Banca, com toda a competência e saber. Eu não sou musicóloga, mas historiadora; dedico-me em especial à História da Idade Média, raramente fazendo incursões para outras épocas na minha investigação, centrada sobretudo na história religiosa e nas ciências historiográficas da Paleografia, Diplomática, Sigilografia, Codicologia. Tenho tido a meu cargo, desde há muitos anos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o ensino da Paleografia e da Diplomática, tanto medievais como modernas, e foi precisamente esse o motivo que fez de mim co-orientadora de doutorado de Handel Cecílio. Penso que será mais interessante e útil, nestas minhas palavras, dar um fiel testemunho do trabalho que ele desenvolveu sob minha orientação, daquilo que poderemos designar, no fundo, como os bastidores da investigação que levou a efeito, e que permitiu colher as

informações inéditas com as quais foi possível elaborar e enriquecer a dissertação hoje defendida.

Efectivamente, para que o candidato pudesse ir mais além no estudo dos órgãos, organistas e organeiros do Brasil colonial e imperial, era imperioso compulsar a documentação original da época. E isso exige conhecimentos de Paleografia, a ciência que estuda as escritas antigas e as decifra, assim como de Diplomática, disciplina que se dedica ao estudo dos documentos, das suas tipologias e da sua organização interna, bem como das entidades que os produzem. Na sua dissertação de mestrado, o candidato tinha já recorrido a fontes inéditas, mais recentes, porém. Quem lida com documentos da Época Contemporânea consegue, sem demasiado esforço, familiarizar-se com as formas gráficas de então, antiquadas mas, no entanto, bastante próximas das actuais. O mesmo não se passa, porém, quando se recua no tempo, sendo as letras mais difíceis de decifrar, por via de regra, as do período moderno. Os séculos XVI e XVII, sobretudo, legaram-nos uma multiplicidade de escritas variadas, juntando a tradição gráfica medieval à letra humanística e levando a extremos a cursividade, ou seja, a escrita traçada velozmente ao correr da pena, que pode ser muito difícil de compreender. As grafias mais complicadas são, sem dúvida, as chamadas encadeadas, cujo nome as descreve na perfeição: nelas, as letras sucedem-se umas às outras sem levantar a pena; não muito menos difíceis são as escritas processadas, ou seja, as usadas para escrever os registos de processos e, de um modo geral, todo o tipo de documentação de carácter administrativo nos séculos XVI e XVII, sem qualquer preocupação estética ou sequer de legibilidade – um exemplo típico deste género de grafia pode ser visto na fig. 176, p. 327 da dissertação de Handel Cecílio. Os contemporâneos de tais grafias tinham já a perfeita noção das dificuldades que estas causavam, como nos revela Cervantes num passo do seu D. Quixote: queria o cavaleiro escrever uma carta a Dulcineia mas não tinha papel; fez então um rascunho numa página arrancada a um livro e pediu ao seu fiel Sancho que o levasse a um escrivão para ser passado a limpo, recomendando-lhe porém que escolhesse quem não usasse escrita processada, pois essa só a entenderia Satanás!

Serve esta pequena anedota para comprovar as dificuldades de leitura que as escritas modernas colocam, e que só conseguem ser ultrapassadas com o estudo da Paleografia, a que o candidato se dedicou com grande entusiasmo. No ano que passou em Portugal, frequentou as duas cadeiras de Paleografia e Diplomática (uma no 1º e outra no 2º semestre) e também esteve presente nas minhas aulas de História do Livro, para melhor

compreender os legados escritos do passado. Foi, nas três disciplinas, um estudante sempre atento, assíduo, interventivo, interessado e trabalhador.

Para além das aulas, muitas foram as horas que passámos a conversar, em que procurei guiar Handel Cecílio nas suas pesquisas, tentando responder às suas dúvidas e transmitir-lhe informações sobre os arquivos e os fundos que devia investigar. Não é fácil nem óbvio saber por onde começar uma pesquisa desta envergadura, em especial devido à crónica carência nos arquivos portugueses de bons instrumentos de pesquisa, sejam eles catálogos, inventários ou simples guias de fundos que permitam a um investigador compreender qual é a documentação existente e a que necessita de compulsar. E assim, graças a esta colaboração, além do Arquivo Distrital de Braga, onde o candidato sabia à partida que iria encontrar importantes elementos, pois aí se encontram depositados os cartórios dos antigos mosteiros beneditinos daquela arquidiocese, mormente os de Tibães, casa-mãe da Congregação Beneditina Portuguesa, e além dos arquivos privados quer dessa abadia, quer do mosteiro de Singeverga, o número de instituições onde fez pesquisas em Portugal cresceu extraordinariamente, como se prova na vasta lista de referências arquivísticas indicada no final da sua dissertação, e que se somam a um largo número de instituições brasileiras detentoras de documentos onde também pesquisou. Para lá dos arquivos já mencionados, o candidato investigou ainda no Arquivo da Universidade de Coimbra, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Arquivo Histórico Ultramarino, nos Arquivos Distritais do Porto e de Évora e ainda na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Os bons resultados das pesquisas intensivas e sistemáticas efectuadas estão bem patentes. O afincamento e o entusiasmo com que Handel Cecílio se lançou ao trabalho foram premiados com as informações importantíssimas que encontrou e que permitem um novo olhar sobre a arte organística no Brasil. Deu a conhecer organistas e organeiros, encomendas de órgãos, contratos de artífices e músicos e uma multiplicidade de referências que alargam a geografia da presença deste instrumento no vasto território brasileiro. Descobriu como a arte de construção dos órgãos foi penetrando no Brasil, com que protagonistas e através de que circuitos. Encontrou os nomes e os percursos de homens e até mulheres há muito esquecidos, ligados quer à construção e manutenção de órgãos, quer à execução da música que dava brilho às cerimónias litúrgicas. Recuperou a memória de muitos instrumentos, infelizmente hoje desaparecidos na sua quase

totalidade, mas de cuja existência os registos escritos conservam as provas. Questionou, pois, os documentos e deles soube colher muitas respostas, com as quais compôs o presente trabalho, que nos apresenta uma imagem da arte organística do Brasil colonial e imperial que vai bem além, aliás, do que o título da tese indica. De facto, não é só da organística nos mosteiros beneditinos que o candidato se ocupa. Apresenta, demoradamente, o que para leigos como eu é extremamente útil e didáctico (e o mesmo se diga do glossário de termos organísticos no final), uma explanação sobre os órgãos, a sua evolução e o seu uso, em especial na Península Ibérica, de onde foram levados para todos os cantos do mundo, tanto por portugueses como por espanhóis. Analisa com rigor as referências existentes à eventual presença deste instrumento musical nas primeiras missas oficiadas na Terra de Vera Cruz. Introduce o tema dos órgãos das catedrais – e bem me recorde do entusiasmo com que me anunciou os dados a este respeito que tinha encontrado, e de como falámos sobre a oportunidade da sua inclusão na dissertação, pela qual acabou por optar. Dedica ainda um outro capítulo à arte organística brasileira em geral, abordando a sua presença tanto nos templos das ordens eclesiásticas como nas igrejas matrizes e até nas capelas de fazendas e engenhos, não esquecendo um apontamento, para mim muito interessante, sobre a relação de escravos, índios e negros com os órgãos e a sua música. Só depois, finalmente, entra no tema principal da pesquisa, a organística nos mosteiros beneditinos do Brasil, que explana com grande desenvolvimento, contribuindo também, com o seu trabalho, para um melhor conhecimento da história das próprias instituições monásticas em si.

Agradou-me em particular o cuidado que o candidato teve em ilustrar a sua dissertação com múltiplas imagens, recuperando memórias visuais de edifícios e órgãos e, o que mais ainda me interessa, reproduzindo na íntegra ou em breves excertos um largo número de documentos, acompanhados sempre das respectivas transcrições. Há nestas ainda algum trabalho a fazer, quer de afinação de critérios de transcrição, quer de resolução de dúvidas que não houve a possibilidade de esclarecer cabalmente antes do fim do prazo de entrega deste seu trabalho académico. São pormenores a corrigir para a versão definitiva, e para os quais, naturalmente, pode contar com a minha colaboração.

Não me vou alongar mais. Procurei, nas minhas palavras, deixar o testemunho do que foi a co-orientação e o acompanhamento que dei ao trabalho de Handel Cecílio. Sinto um grande orgulho por ver esse trabalho chegado ao fim, tendo dado corpo a esta extensa dissertação de doutorado que bem demonstra a seriedade, a dedicação e a

competência com que levou a cabo a sua investigação. Agradeço, uma vez mais, a oportunidade que a Universidade Estadual de Campinas me proporcionou de participar nestas provas, renovo as saudações a todos os presentes e expresso os meus mais sinceros votos de felicidades ao candidato a Doutor.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 2014

Maria do Rosário Barbosa Morujão

Professora Auxiliar

Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Portugal